

TRAJETÓRIAS DE VIDA. NASCER NOS AÇORES NO SÉCULO XVIII

ABORDAGEM DEMOGRÁFICA

MARIA NORBERTA AMORIM*

Resumo: *A investigação demográfica sobre o século XVIII reveste-se em Portugal de grandes dificuldades, principalmente pelo sub-registo de óbitos de menores de 7 anos. No caso de registo sistemático dos eventos paroquiais, o acompanhamento de trajetórias de vida em espaços e períodos definidos permite-nos a aproximação mais conseguida ao jogo das variáveis demográficas e compreensão dos seus efeitos no crescimento das populações. Os Açores, pela diversidade de comportamentos, mesmo entre ilhas próximas, constituem um extraordinário laboratório de análise para o historiador demógrafo. Num quadro de fecundidade próxima da natural, importantes comportamentos compensatórios a uma esperança de vida elevada, como a emigração e idades elevadas ao primeiro casamento, ou mesmo gravosas mortalidades de crise, podem não ser suficientes entraves ao crescimento.*

Palavras-chave: *Trajetoórias de vida; Dinâmicas demográficas comparadas; Mobilidade; Açores.*

Abstract: *Demographic research on the 18th century is very difficult in Portugal, mainly due to the under-recording of deaths of children under seven years of age. In the case of systematic recording of parish events, the monitoring of life paths in defined spaces and periods allows us the most successful approach to the balance of demographic variables and understanding of their effects on population growth. The Azores, due to the diversity of behaviours, even between neighbouring islands, is an extraordinary laboratory of analysis for the demographic historian. In a context of near-natural fertility, important compensatory behaviours to a high life expectancy, such as emigration and high ages at first marriage, or even mortality crises, may not be sufficient barriers to growth.*

Keywords: *Life paths; Comparative demographic dynamics; Mobility; Azores.*

INTRODUÇÃO

A investigação histórica sobre comportamentos demográficos, baseada nos registos paroquiais, desenvolve-se e complexifica-se. Para os últimos quatro séculos, vão-se ultrapassando os limites paroquiais, acompanhando crises de mortalidade, contrastando curvas de nascimentos com curvas de óbitos, calculando a evolução da idade ao casamento, o ritmo de nascimentos dentro e fora de famílias legalmente constituídas, avançando com cálculos de esperança de vida. No entanto, mesmo no domínio estritamente paroquial, há elos mais fracos.

A evolução de uma população ou de uma curva de nascimentos plurissecular não reflete apenas fenómenos de Nupcialidade, Fecundidade ou Mortalidade

* Grupo de Populações e Saúde, CITCEM. Email: mnsbamorim@gmail.com.

e a sua interação. Embora de difícil acompanhamento, o fenómeno da Mobilidade terá tido influência e uma influência muito mais imediata nessa evolução. O caminho que nos propomos, o acompanhamento sistemático das trajetórias de vida de todos os nascidos num determinado espaço para um determinado período, persegue todas as variáveis, mas encontra, à partida, frequentes barreiras.

Um estudo demográfico sobre os nascidos no século XVIII reveste-se de muitos problemas, que não se cingem somente às dificuldades de leitura dos registos, pela impreparação de muitos redatores paroquiais ou pelas letras apagadas pelo tempo em ambientes particularmente húmidos. Antes da efetivação em cada uma das paróquias do país do decreto de 19 de agosto de 1859, que, na ausência de registo civil, criava uma estrutura uniforme para os registos paroquiais, podemos ser sempre surpreendidos pela diversidade nos formulários e no conteúdo dos diferentes registos, ao passar de diocese para diocese, de paróquia para paróquia e, dentro de cada paróquia, de pároco para pároco, mesmo considerando espaços de tempo próximos.

Na generalidade, se não enfrentamos lacunas nos registos, provocadas pela danificação de folhas de livros ou desaparecimento dos mesmos, o que mais penaliza a investigação, além da eventual não referência à data de nascimento, registando-se apenas a data de batismo, é o não registo ou sub-registo da mortalidade dos menores de 7 anos de idade, *anjos* que não necessitariam de sufrágios para obter a *Salvação*, o que levava os párocos a eximirem-se de registar os seus óbitos.

No caso vertente, o da Diocese de Angra, foi com a vigência do zeloso bispo D. António Vieira Leitão (1694-1714) que a informação dos registos paroquiais açorianos mais se enriquece, o que teoricamente beneficiaria os estudos sobre o século XVIII. Logo nos primeiros anos do seu exercício, em visitas pastorais às paróquias do Grupo Central dos Açores, o prelado faz apontar nos livros de registo paroquial formulários precisos para cada tipo de atos, contemplando a obrigatoriedade de registo de menores de 7 anos. No entanto, antes do último quartel daquele século, em observação preliminar, apenas nas ilhas do Faial, do Pico, de São Jorge e da Terceira encontramos períodos mais ou menos alargados a beneficiar de registo sistemático de todos os falecidos.

Mesmo quando se nos afigura que todos os nascidos ou defuntos são registados, só o cruzamento entre os diferentes atos nos pode permitir concluir, paróquia a paróquia, sobre essa sistematicidade. Dado o hábito generalizado de, à morte de uma criança, ser atribuído o seu nome ao irmão do mesmo sexo que se segue na ordem dos nascimentos, a reconstituição das famílias permite-nos deduzir, com relativa segurança, sobre a regularidade desses registos. Omissões eventuais, tanto de batizados como de óbitos, podem acontecer, e as correções podem ser indicadas.

No primeiro caso, de omissão de registo de batizados, a idade ao óbito pode permitir colmatar a lacuna, tanto mais que o ritmo regular dos nascimentos faz-nos encaixar com relativa facilidade o nascimento omisso no intervalo entre o casamento e o nascimento seguinte, num espaço intergenésico ou na fase final do processo reprodutivo. Quando se trata de um indivíduo que sobreviveu à infância, na altura de eventual casamento, desencadeia-se naturalmente a justificação de batismo; no registo de óbito pode ser indicada a idade a que faleceu. No caso do sub-registo de óbitos de menores, a omissão é irrecoverável. Podemos tentar uma correção por defeito, para casos esporádicos, considerando como falecidas à nascença as crianças cujo irmão do mesmo sexo recebeu a seguir o mesmo nome. A frequência das omissões leva naturalmente a uma renúncia à possibilidade do acompanhamento das trajetórias de vida de todos os nascidos. Quando contamos com um registo sistemático de mortalidade de menores de 7 anos, que se vê interrompido numa data definida, teremos naturalmente de considerar apenas as gerações nascidas 7 anos antes do início do sub-registo, idade a partir da qual o indivíduo é considerado responsável e a Igreja intervém, com sufrágios, na sua salvação.

Para acompanhamento comparado de trajetórias de vida de *todos os nascidos*, do nascimento ao óbito ou mobilidade para o exterior do espaço geográfico reconstituído, depois de um moroso processo de pesquisa que teve em conta a sistematicidade dos registos e a dimensão das paróquias, acabámos por incidir sobre o acompanhamento do percurso dos nascidos em São Mateus do Pico, entre 1733 e 1799, na Ribeira Seca de São Jorge, entre 1734 e 1799, em Pedro Miguel do Faial, entre 1703 e 1783, e em Agualva da Terceira, em dois períodos, de 1700 a 1729 e de 1767 a 1799, dado o não registo de menores, nesta paróquia, entre 1736 e 1767.

Comportamentos de Nupcialidade ou Fecundidade das freguesias faialenses, Praia do Almoxarife, Ribeirinha e Pedro Miguel, e das terceirenses de Quatro Ribeiras, Vila Nova e Agualva, robustecem as análises comparativas com as duas populosas freguesias do Pico e São Jorge.

No desenvolvimento deste trabalho, começamos por acompanhar o movimento anual de nascimentos e óbitos nas quatro comunidades ao longo do século XVIII, numa perspetiva de deteção de crises de mortalidade e avaliação do crescimento relativo. Passando à análise das variáveis demográficas, incidimos fundamentalmente no fenómeno mais complexo, o da Mobilidade, fazendo sobressair, nos campos da Nupcialidade, Fecundidade ou Mortalidade, os comportamentos que poderão ter sido mais decisivos na evolução encontrada.

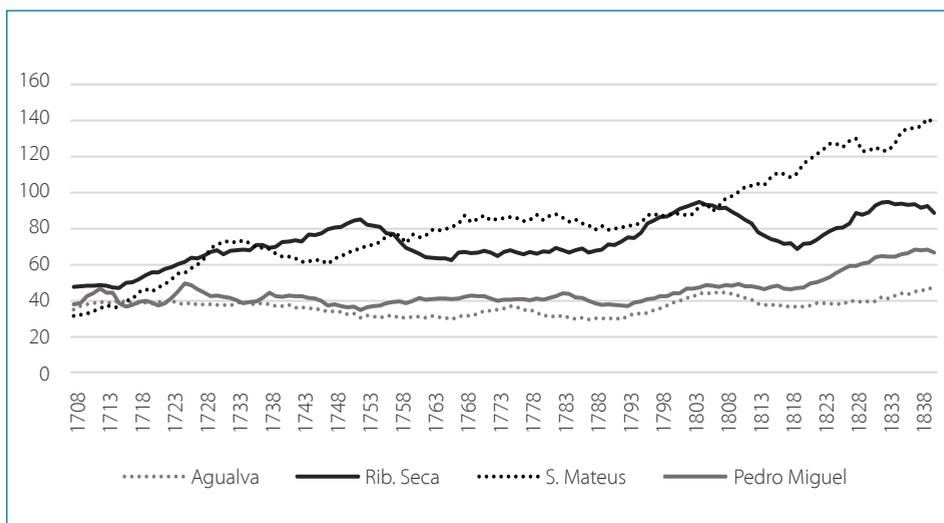
1. DESENVOLVIMENTO

1.1. MOVIMENTOS COMPARADOS DA POPULAÇÃO DAS QUATRO PARÓQUIAS

Na vigência da Capitania Geral, criada em 1766, passamos, a partir de 1776, a dispor de estatísticas sobre a população açoriana a nível de freguesia, embora a discrepância de valores em anos seguidos, mesmo já entrado o século XIX, nos possa alertar para problemas de rigor nesses dados¹.

Na ausência de estatísticas, ou com estatísticas de menor rigor, a acompanhar a evolução da população, o movimento anual de nascimentos, em período em que a Fecundidade é tendencialmente natural, será a forma mais aproximada de avaliarmos sobre o respetivo crescimento. Havendo, para todo o século XVIII, registo sistemático de batizados nas quatro comunidades que escolhemos, comparamos no Gráfico 1 as curvas respetivas, usando médias móveis de nove anos. Embora a nossa análise se cinja ao século XVIII, visualizamos, em cada paróquia, o crescimento nos 40 anos seguintes.

Gráfico 1. Movimento anual comparado de nascimentos — médias móveis de 9 anos (1700-1840)



Fonte: Elaboração própria a partir dos registos de nascimento (1700-1840)

Partindo as quatro paróquias de um volume de nascimentos anuais entre 30 e 50, com São Mateus mais próximo dos 30 e Ribeira Seca mais próximo dos 50,

¹ AMORIM, 2016: 37-38.

colocando-se Pedro Miguel e Agualva à volta dos 40, assistimos depois, até finais do século XVIII, a um crescimento acentuado nas duas primeiras paróquias e a uma estagnação, ou mesmo retrocesso, nas outras duas.

Acompanhando o movimento de São Mateus, encontramos uma primeira fase de crescimento intenso, partindo dos cerca de 30 nascimentos anuais, para ultrapassar os 70 nascimentos na década de 30 do século XVIII. Segue-se um decréscimo nas duas décadas seguintes, baixando aos 60 nascimentos, para retomar posteriormente o crescimento, com valores entre 80 e 90 nascimentos em toda a segunda metade do século XVIII.

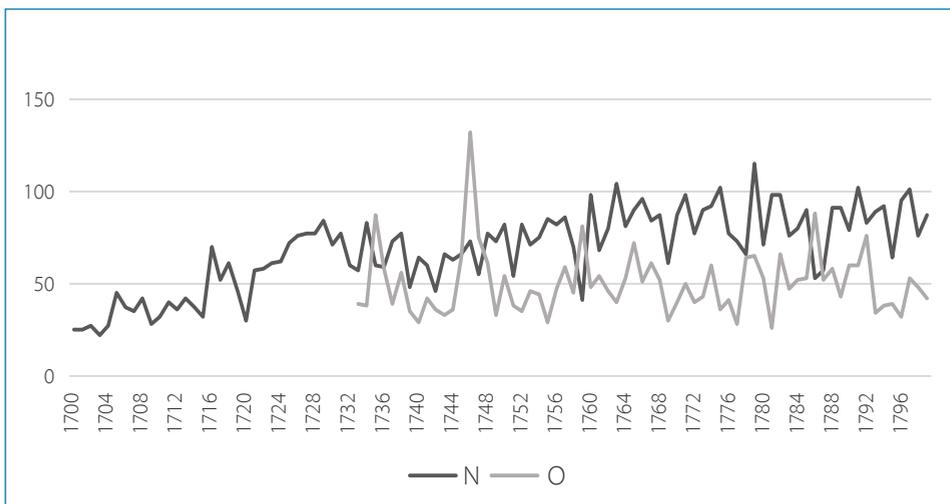
No caso da Ribeira Seca, partindo de 50 nascimentos anuais, valores bem mais favoráveis do que São Mateus, o crescimento prolonga-se até meados do século, com valores à volta de 85 nascimentos. Decresce depois para valores entre 60 e 70 nascimentos, só se aproximando dos valores de São Mateus na década de 90 do século XVIII.

Em Pedro Miguel as oscilações acima dos 40 nascimentos por ano são mais pronunciadas nas três primeiras décadas do século, estabilizando depois à volta daquele valor.

No caso de Agualva, também as primeiras três décadas do século XVIII parecem ter sido as mais favoráveis, com valores à volta dos 40 nascimentos por ano, baixando depois para valores mais próximos dos 30 nascimentos por ano durante o período seguinte.

De notar que a última década do século XVIII foi de crescimento em todos os casos.

Gráfico 2. Movimento anual comparado de nascimentos e óbitos São Mateus (1700-1799)



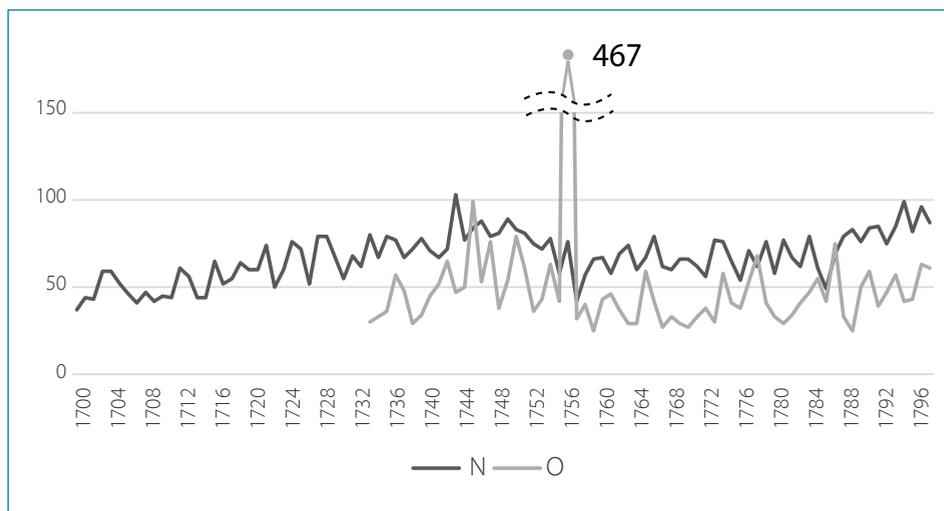
Fonte: Elaboração própria a partir dos registos de nascimento e de óbito (1700-1799)

Uma primeira explicação para a evolução diferenciada nas quatro paróquias pode ser procurada no peso da mortalidade. Essa influência torna-se clara ao contrastar as curvas de batizados e óbitos para os períodos para os quais dispomos de registo sistemático de todos os falecidos, crianças e adultos.

Começamos por observar mais de perto o caso de São Mateus, onde encontramos um crescimento no volume de nascidos particularmente favorável.

Pela observação do gráfico de movimentos anuais de nascimentos e óbitos, notamos que, para o período para o qual dispomos de dados sistemáticos, apenas em quatro dos 67 anos observados, a curva de óbitos se sobrepõe aos nascimentos: 1735, 1746, 1759 e 1786, mas só com marcada relevância no ano de 1746. Os saldos fisiológicos persistentemente positivos serão uma primeira explicação para o expressivo crescimento da curva de nascimentos.

Gráfico 3. Movimento anual comparado de nascimentos e óbitos Ribeira Seca (1700-1799)

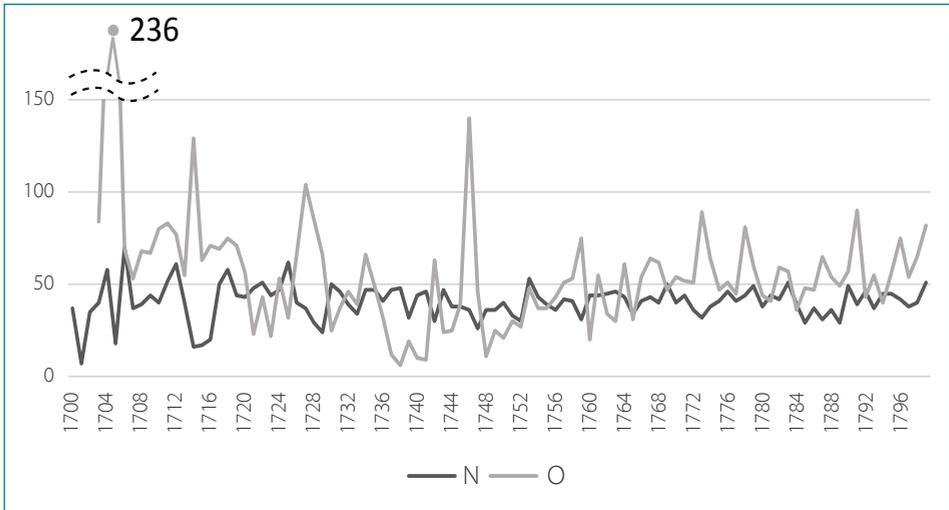


Fonte: Elaboração própria a partir dos registos de nascimento e de óbito (1700-1799)

Passando agora à observação do gráfico para a Ribeira Seca, é explícita a causa do retrocesso dos nascimentos entre 1757 e a última década do século — o *mandado de Deus*, o terramoto que abalou São Jorge a 9 de julho desse ano em que terão perecido na paróquia 467 pessoas. Reparamos depois que, num quadro de grande estabilidade, o ano de 1746 foi também um ano de alguma sobremortalidade, mas sem atingir a dimensão encontrada em São Mateus.

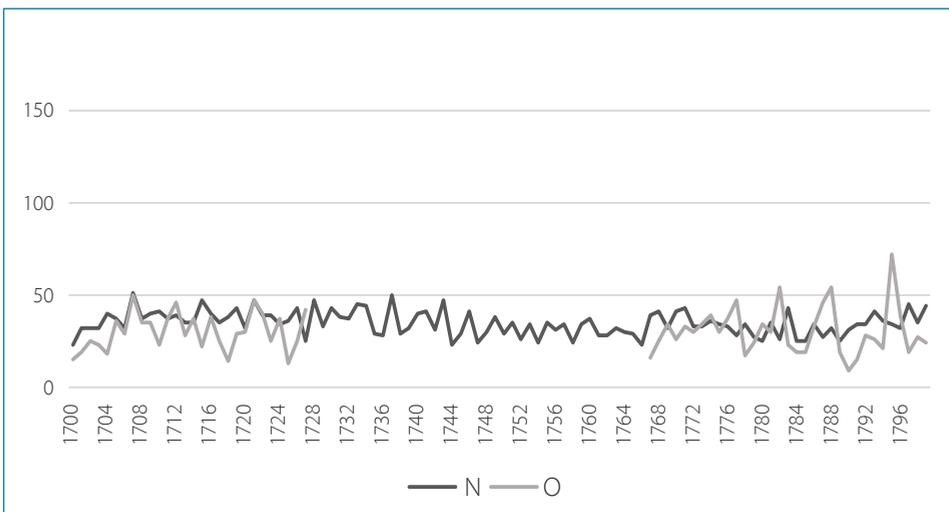
No caso de Pedro Miguel, ao contrário das freguesias do Pico e de São Jorge, os saldos fisiológicos anuais são frequentemente negativos, o que terá dificultado o crescimento. Sobressaem seis crises de mortalidade, as mais agudas em 1705 e 1746, mas ainda com relevância as de 1714, 1727, 1773 e 1791.

Gráfico 4. Movimento anual comparado de nascimentos e óbitos Pedro Miguel (1700-1799)



Fonte: Elaboração própria a partir dos registos de nascimento e de óbito (1700-1799)

Gráfico 5. Movimento anual comparado de nascimentos e óbitos Agualva (1700-1799)



Fonte: Elaboração própria a partir dos registos de nascimento e de óbito (1700-1799)

No caso de Agualva, não dispomos de curvas de óbitos a acompanhar todos os nascimentos, mas para os anos em que isso se torna possível, verificamos que, tal como em Pedro Miguel, o volume *normal* de óbitos terá constituído claro entrave ao crescimento. O ano em que a curva de óbitos mais se sobrepõe aos nascimentos foi o de 1795, em que faleceram 72 indivíduos, tendo nascido 34,

embora esse não fosse um ano de crise nas paróquias em estudo das outras ilhas, nem mesmo nas contíguas de Quatro Ribeiras e Vila Nova.

Embora o registo de mortalidade até aos 7 anos só se torne sistemático em São Mateus e Ribeira Seca na década de 30 do século XVIII e os quarenta anos centrais do século em Aqualva também não disponham desse registo, podemos sempre verificar se as maiores crises epidémicas encontradas, as de 1704/1705 e de 1746, que se verificaram em Pedro Miguel, correspondem a um aumento do volume de óbitos em todos os casos.

Entre 1 de setembro de 1704 e 31 de agosto de 1705, morreram em Pedro Miguel 189 pessoas para um total de 37 nascimentos. Embora não se disponha de informação sobre o volume de óbitos a cobrir os primeiros cinco anos do século, nos cinco anos posteriores à crise, entre 1706 e 1710, morreram em Pedro Miguel, em média, 15 pessoas em cada ano, apontando em 1704/1705 para a classificação de grande crise, se seguirmos Del Panta e Livi-Bacci².

A violência da crise é melhor retratada pelo pároco de outra freguesia faialense, Castelo Branco, que informa ter deixado de dar a extrema-unção aos moribundos a partir do início de junho de 1705 por não haver óleos sagrados na freguesia nem em toda a ilha. As covas abriram-se no adro da igreja e num dos casos, numa mesma cova, foram enterrados cinco cadáveres, um homem, duas mulheres e duas crianças, sendo corrente, no auge da crise, o enterramento numa mesma cova de dois defuntos.

A outra paróquia de referência para a qual dispomos de registos sistemáticos de óbitos para a primeira década do século XVIII é Aqualva, apresentando-se o ano de 1705 como um ano corrente, em que nasceram 37 indivíduos e faleceram 36.

Em São Mateus, numa média de 21 óbitos de maiores de 7 anos na primeira década do século, o número de falecidos em 1705 foi de 27, sendo o número de batizados 45, o que, embora não estejam incluídos os inocentes, não parece apontar para a existência de crise. Na Ribeira Seca em 1705 nasceram 52 indivíduos e faleceram 22 maiores de 7 anos.

A mortalidade em 1746 teve outros contornos. Segundo António Lourenço da Silveira Macedo na sua *História das Quatro Ilhas Que Formam o Distrito da Horta*, publicada em 1871, as inundações de 1744 desolaram estas ilhas ocasionando uma esterilidade geral nos campos, resultando daí a fome que em 1746 em todas elas se sentiu, mas em maior grau na ilha do Pico, onde «o povo recorreu a socas e raízes para manter a vida e faltando-lhe esse mesmo mísero alimento emigrou para as mais ilhas, e com preferência para o Faial, agravando a crise que já aqui se sofria, valendo contudo de muitos uma porção de tremoço que ainda havia que o povo curtiu para se alimentar e ultimamente recorreu a

² DEL PANTA, LIVI-BACCI, 1977: 401-405.

socas e raízes, resultando desse alimento nocivo mortíferas doenças que dizimaram a população»³.

Em São Mateus do Pico, como verificámos, foi em 1746 que se centrou a maior crise de mortalidade de todo o século XVIII, embora sem atingir o nível de grande crise. Nesse ano faleceram em São Mateus 133 pessoas, tendo nascido 73. No caso da Ribeira Seca, uma freguesia de melhores recursos naturais, embora tenha sido esse o ano de maior mortalidade não provocada pelo terramoto, a relação foi de apenas 99 óbitos para 85 nascimentos. Em Agualva, a sobremortalidade de 1746 terá sido moderada, morrendo 18 maiores de 7 anos, numa média, para os outros nove anos da década, de 13 óbitos.

A importância da crise de 1746 condicionou que se publicasse nesse ano «um alvará régio convidando os casais que quisessem emigrar para o Brasil franqueando-lhes o governo navios e dando-lhes lá terrenos para cultivarem»⁴. Assim, o decréscimo do volume de nascimentos no período seguinte, mais sentido em São Mateus, não terá sido, neste caso, só o reflexo da epidemia, mas também das saídas para o Faial, no período agudo da fome, e mais tarde para o Brasil.

Contudo, a maior crise de mortalidade do século XVIII nas freguesias observadas não se deveu a epidemias, em que ilhas como Pico e São Jorge foram particularmente poupadas, mas sim ao maior terramoto de que há memória nos Açores, o terramoto que às 23 horas e 45 minutos de 9 de julho de 1757 abalou a ilha de São Jorge, a *Ponta da Ilha do Pico*, e foi sentido em todo o Grupo Central, com epicentro precisamente na freguesia da Ribeira Seca⁵.

Os assentos de óbitos relativos à catástrofe iniciam-se com o nome do próprio vigário, prosseguem com as famílias das figuras mais prestigiadas, estendendo-se depois a todas as famílias. Num mesmo assento, referem-se avós, pais, filhos, irmãos, ou criados, com uma indicação, feita *a posteriori*, no fim de cada folha, escrita a lápis, do número sucessivamente acrescentado de óbitos. O valor anotado para o *mandado de Deus*, como foi conhecido, foi, no final, de 453 mortos.

Da análise dos principais relatos, Avelino Meneses aponta para uma cifra à volta de 1000 óbitos para os que pereceram na catástrofe nas ilhas de São Jorge e no Pico⁶. Não podemos comprovar essa cifra, na medida em que para as duas freguesias, Topo e Calheta, contíguas à Ribeira Seca, que terão sido, depois desta, teoricamente, as mais afetadas da ilha, o livro correspondente de óbitos do Topo não chegou até nós e as pessoas que faleceram na Calheta foram 135, um número bem mais moderado, apesar do desmoronamento de todas as casas, a soterrar os

3 MACEDO, 1981: 225.

4 MACEDO, 1981: 225.

5 MENESES, 1998: 597-602.

6 MENESES, 1998: 597-602.

moradores, conforme informação do pároco. Também não dispomos dos livros de óbitos correspondentes da freguesia da Piedade, *Ponta da Ilha do Pico*.

2. MOBILIDADE COMPARADA

Como temos vindo a insistir, a mobilidade poderá ocupar, em certos espaços e em certos momentos, o papel de *variável demográfica influente*, na regulação do binómio população e recursos, nos equilíbrios de subsistência familiar e estratégias matrimoniais e herança, a partir de alterações profundas nos percursos individuais ou familiares⁷.

Consideramos, para o período pré-censitário, o acompanhamento sistemático das trajetórias de vida, para os nascidos num determinado espaço, como o caminho a seguir para uma aproximação e um sucessivo aprofundamento de um fenómeno de tão difícil domínio, como é a mobilidade.

No caso vertente, de acompanhamento de trajetórias de vida para os nascidos no século XVIII em quatro comunidades de quatro ilhas açorianas, apenas para uma delas, São Mateus, temos, de momento, reunidas as condições para ir mais longe na categorização desse fenómeno. Na medida em que acompanhamos os percursos residenciais dos nascidos em São Mateus no século XVIII nas outras freguesias da ilha do Pico e na zona urbana mais atrativa, a Horta, na ilha do Faial, e ainda nas freguesias rurais dessa ilha com maior ligação ao Pico, podemos conseguir uma aproximação válida às saídas decorrentes do mercado matrimonial e do mercado de trabalho de curta distância. As outras saídas aproximam-nos do que terá sido a emigração para o Novo Mundo.

No caso de Pedro Miguel, em cruzamento sistemático com as freguesias contíguas de Praia do Almoxarife e Ribeirinha e as três freguesias urbanas da Horta, mas deixando de fora as outras freguesias rurais da ilha, não se reúnem as mesmas condições de avaliação dos contornos geográficos do mercado matrimonial e mercado de trabalho de curta distância. No caso da Ribeira Seca, com nenhuma outra freguesia da ilha reconstituída, apenas esporadicamente encontramos nas outras freguesias em estudo indivíduos daí originários. No caso de Agualva, a movimentação interparoquial no concelho da Praia da Vitória e a atração pela cidade de Angra, apesar de a nossa base de dados envolver Agualva, Quatro Ribeiras e Vila Nova, também só nos permitem, de momento, uma aproximação à mobilidade geral, sem distinção de motivo.

O prosseguimento da construção do Repositório Genealógico Nacional e o cruzamento com fontes de países de acolhimento, nomeadamente o Brasil e os Estados Unidos da América, poderão vir a permitir resultados mais precisos.

⁷ AMORIM, 1991a: 147-160.

Só para as gerações abrangidas pelo registo sistemático de todos os falecidos podemos fazer uma estimativa sobre as saídas. Desses, que não chegaram a falecer na sua terra de origem, uns terão saído integrados em ambiente familiar, outros terão saído isolados. O acompanhamento das trajetórias de vida de famílias e de indivíduos permite marcar um fim de observação, indivíduo a indivíduo, em aproximação por defeito, no caso de saídas familiares e no caso de saídas isoladas. No primeiro caso, o último registo paroquial conhecido de uma família jovem será a data de fim de observação para todos os indivíduos das duas gerações, pais e filhos, ou, eventualmente, pai/mãe e filho/filhos. A data de casamento para uma família sem filhos será a data de fim de observação para cada um dos cônjuges, enquanto a data de casamento de um indivíduo cujo noivo ou noiva pertencia a outra comunidade é a data de fim de observação para o indivíduo natural. Mortes na situação de viuvez, sem que se saiba a data de óbito do cônjuge, levam à marcação de um fim de observação para o cônjuge falecido, correspondente à data familiar em que o sabemos residente. Para as saídas isoladas de indivíduos solteiros cuja residência foi documentada na comunidade por um ou mais eventos, é marcado um fim de observação pelo último evento conhecido. Para as saídas isoladas de indivíduos integrados em famílias estáveis, dos quais só sabemos a data de nascimento, foi marcado o fim de observação no dia em que o indivíduo faria 20 anos.

A saída marcada aos 20 anos tanto pode relacionar-se com o mercado de trabalho como com o mercado matrimonial. Sendo mais corrente, quando os noivos não são da mesma comunidade, o casamento se realizar na terra da noiva, podemos marcar, em circunstâncias semelhantes, para as mulheres, mais frequentemente um fim de observação diferente dos 20 anos exatos. Só o cruzamento interparoquial, como o desenvolvido para São Mateus, nos permite uma avaliação adequada das saídas decorrentes do mercado matrimonial.

Só sendo possível distinguir na Ribeira Seca ou, em parte, em Pedro Miguel e Agualva, as saídas familiares e as saídas isoladas, para uma análise comparativa, considerámos primeiro, em todas as paróquias, essas condições básicas de observação. Tanto em São Mateus como em Pedro Miguel e Agualva, independentemente de situarmos a residência e/ou a morte de um indivíduo fora daquelas comunidades, se esse indivíduo só tem registado na comunidade de origem a data de nascimento, considerámos como fim de observação os 20 anos, mesmo existindo algum ato posterior em que o indivíduo tenha participado na situação de solteiro. Mesmo que uma família registre atos vitais na área geográfica em que foi cruzada a informação, consideramos como fim de observação para cada um dos seus membros a última data familiar conhecida na comunidade de origem.

2.1. MOBILIDADE GERAL COMPARADA

Podemos assim comparar, nas mesmas condições de observação, as quatro comunidades, no que respeita à mobilidade geral, embora o desfasamento entre elas no que respeita ao registo sistemático de mortalidade infantil traga limitações. Não integrámos as crianças expostas em cada uma das freguesias, dada a aleatoriedade do fenómeno, sem correspondência necessária com o local de nascimento.

Começamos pela observação disponível para o século XVIII, sexos reunidos, para as quatro comunidades.

Com vimos, para Pedro Miguel, só podemos observar o comportamento das gerações nascidas entre 1703 e 1783, dado que os párocos no final do século XVIII deixam de ser rigorosos no registo de óbito dos menores. No caso de São Mateus e Ribeira Seca, só a partir de 1733 e 1734, respetivamente, passamos a ter registo sistemático de todas as crianças. No caso de Agualva, consideramos as gerações nascidas entre 1700 e 1729 e depois entre 14 de julho de 1767 e 1799. Considerámos, por isso, quatro períodos: o primeiro período, de 1700 a 1729, apenas com Pedro Miguel e Agualva; o segundo, de 1730 a 1754, com Pedro Miguel, São Mateus e Ribeira Seca, período que engloba as saídas de *casais* para o Brasil com apoio régio; o terceiro, de 1755 a 1774, já com informação sobre as quatro comunidades, embora informação ainda escassa sobre Agualva; e o último, de 1775 a 1799, com as quatro comunidades, mas com valores mais reduzidos para Pedro Miguel. Depois de considerar o número de indivíduos dessas gerações nascidos em cada período e que não chegaram a falecer na sua freguesia de origem, distribuímos as saídas em duas categorias: *saídas isoladas*, correspondentes aos indivíduos para os quais foi marcado o fim de observação aos 20 anos exatos, e *saídas em família*, correspondentes ao somatório dos que saíram na situação de dependência, com menos de 20 anos, e os que saíram com mais de 20 anos, na situação de chefes de família ou cônjuges.

Tabela 1. Movimento comparado de saídas definitivas (gerações nascidas entre 1700 e 1799)

	N.º Ind.	N.º Saída Isol.	N.º Saída em Fam.	% Saídas	% Saída Isol.	% Saída em Fam.
Pedro Miguel	3112	713	596	42	23	19
São Mateus	4331	666	862	35	15	20
Ribeira Seca	4365	659	784	33	15	18
Agualva	2163	279	305	27	13	14

Fonte: Elaboração própria

Pese embora algum enviesamento dos resultados decorrente de uma cobertura não paralela para grupos importantes de gerações, parece deduzir-se que foi

para os nascidos em Pedro Miguel que uma maior percentagem de indivíduos não chegou a falecer na sua terra de nascimento, 42%, para o que não será estranho a atração das freguesias urbanas da Horta, que lhe ficavam próximas. Em São Mateus e Ribeira Seca, os valores não se apresentam muito diferenciados, respetivamente 35% e 33% de saídas definitivas. A maior estabilidade parece ter pertencido a Aigualva, com apenas 27% de indivíduos que se ausentaram definitivamente, embora não seja confortável o volume de informação para esta paróquia.

O desdobramento por sexos e por períodos pode permitir outras reflexões.

Tabela 2. Movimento comparado de saídas definitivas por sexos e períodos (gerações nascidas entre 1700 e 1799)

	Sexo masculino						Sexo feminino					
	N.º Ind.	N.º Saída Isol.	N.º Saída em Fam.	% Saídas	% Saída Isol.	% Saída em Fam.	N.º Ind.	N.º Saída Isol.	N.º Saída em Fam.	% Saídas	% Saída Isol.	% Saída em Fam.
1700-1729												
Pedro Miguel	563	187	108	52	33	19	477	79	83	34	17	17
Aigualva	577	117	97	37	20	17	528	49	98	28	9	19
1730-1754												
Pedro Miguel	483	136	121	53	28	25	440	95	91	42	21	21
São Mateus	565	95	130	40	17	23	532	73	139	40	14	26
Ribeira Seca	832	93	201	35	11	24	737	58	194	34	8	26
1755-1774												
Pedro Miguel	388	104	56	41	27	14	359	46	49	27	13	14
São Mateus	799	184	126	39	23	16	639	72	117	29	11	18
Ribeira Seca	562	138	74	38	25	13	543	42	80	23	8	15
Aigualva	141	22	12	24	15	9	126	5	16	17	4	13
1775-1799												
Pedro Miguel	208	39	46	41	19	22	194	27	42	36	14	22
São Mateus	979	185	198	39	19	20	817	57	152	26	7	19
Ribeira Seca	861	194	125	37	23	14	830	134	110	29	16	13
Aigualva	382	58	36	25	15	10	409	28	46	18	7	11
1700-1799												
Pedro Miguel	1642	466	331	48	28	20	1470	247	265	35	17	18
São Mateus	2343	464	454	39	20	19	1988	202	408	31	10	21
Ribeira Seca	2255	425	400	37	19	18	2110	234	384	29	11	18
Aigualva	1100	197	145	31	18	13	1063	82	160	23	8	15

Fonte: Elaboração própria

Observando primeiro o resultado global (1700-1799), mas com distinção de sexos, é clara a supremacia, em todas as paróquias, da mobilidade definitiva masculina, embora a mobilidade definitiva feminina, em nenhum caso, seja depreciável. Considere-se ainda a maior frequência de casamentos na terra da noiva quando os noivos são de comunidades diferentes e, conseqüentemente,

uma idade diferente de 20 anos exatos no sexo feminino para saídas definitivas consideradas isoladas.

Enquanto, em Pedro Miguel, a percentagem de homens que não chegaram a falecer na sua paróquia de origem se aproxima dos 50%, no caso das mulheres a percentagem coloca-se nos 35%. Em São Mateus, a relação correspondente é de 39% e 31%; na Ribeira Seca, de 37% e 29%; na Agualva, de 31% e 23%.

Se considerarmos depois a mobilidade *isolada e em família*, por períodos, ressalta claramente o fenómeno da saída dos *casais* para o Brasil, a afetar as gerações nascidas entre 1730 e 1754, em São Mateus e na Ribeira Seca, embora nos períodos seguintes continue a ter importância a saída de famílias nestas duas paróquias. De notar que nesse período de 1730 a 1754, o peso das saídas dos indivíduos em família superioriza-se ao peso das saídas isoladas e afeta igualmente os dois sexos. A percentagem total de saídas em São Mateus, nesse período, é de 40%, tanto no sexo masculino como no feminino, e na Ribeira Seca é de 35% e 34%, respetivamente num e noutro sexo. Se considerarmos as saídas de indivíduos em família, para um e outro sexo, os valores colocam-se em São Mateus nos 23% e 26% e na Ribeira Seca nos 24% e 26%. Paralelamente, as saídas isoladas colocam-se nos 17% e nos 14%, respetivamente no sexo masculino e no feminino, em São Mateus, e nos 11% e nos 8% na Ribeira Seca, a sugerir uma maior movimentação de *casais* na paróquia jorgense.

2.2. MOVIMENTAÇÃO DE CASAIS PARA O BRASIL ENTRE 1747 E 1753

Embora desde o século XVI se documente a saída de açorianos à procura de um destino mais favorável, no século XVII ter-se-á assistido a uma movimentação intensa, quase sempre organizada pelo Estado, para a salvaguarda dos interesses portugueses no Brasil. Na primeira metade do século XVIII, o fluxo migratório foi mais contido, contribuindo para tal a lei de 20 de março de 1720, a exigir uma justificação documental para as saídas. No entanto, na ilha do Pico, na sequência das erupções vulcânicas de 1718 e 1720, encetaram-se diligências, a partir de 1722, para o transporte de 265 casais daquela ilha, num total de 1432 pessoas com destino à colónia de Sacramento, surgindo também pedidos de alistamento de casais de outras ilhas do Grupo Central dos Açores⁸.

A grande movimentação de *casais* açorianos na direção de zonas fronteiriças brasileiras, Santa Catarina e Rio Grande de São Pedro, mas também Grão-Pará e Maranhão, deu-se, no entanto, após a grande crise frumentária de 1746 e os pedidos dirigidos ao monarca para as deslocações para o Brasil. Embora não se saiba

⁸ CORDEIRO, MADEIRA, 2003: 107-108.

o número dos que efetivamente emigraram, em 1747 encontravam-se inscritos 7971 indivíduos, sendo 2850 de São Jorge, 1816 da ilha do Pico, 1287 da ilha do Faial, 919 da Terceira, 771 da Graciosa e 328 de São Miguel, mas contando com os *arrepêndidos*, Avelino Meneses admite que terão partido dos Açores para o Brasil entre outubro de 1747 e novembro de 1753 cerca de 6000 indivíduos⁹.

As saídas para o Brasil terão continuado nos anos seguintes, com iniciativas individuais, mas a lei de 4 de julho de 1758, com aplicação restrita aos arquipélagos dos Açores e da Madeira, travou essas saídas, embora nem sempre com resultado conseguido¹⁰.

Tendo-se conhecimento da movimentação de casais na direção do Brasil entre 1747 e 1753, podemos admitir que uma família jovem que nesse período de tempo deixou de registrar qualquer evento familiar terá seguido esse destino.

A confirmação virá, em alguns casos, por cruzamento com as fontes paroquiais brasileiras de que dispomos.

A partir de fontes paroquiais, batizados, casamentos e óbitos, de comunidades do Brasil meridional, hoje no estado do Rio Grande do Sul, que nos foram cedidas pelos nossos colegas brasileiros, Dário e Ana Sílvia Scott, foi-nos já possível identificar alguns indivíduos das freguesias objeto de maior aproximação, que aí se instalaram na segunda metade do século XVIII. Nem todos esses indivíduos terão saído usando o transporte régio, mas não deixa de ser interessante observar as suas condições de partida, socorrendo-nos das informações de que dispomos, para o período, de ausência ou posse de bens por parte das suas famílias de origem.

No caso de Pedro Miguel contabilizámos 21 casais, envolvendo 132 indivíduos, que terão embarcado de Pedro Miguel para o Brasil em meados do século XVIII, com uma média de mais de seis indivíduos por família nuclear deslocada. A idade média desses casais tenderia para os 38 anos, pesem embora os casos de idade não conhecida. Sete desses casais têm documentada a sua fixação na paróquia da Madre de Deus de Porto Alegre. A grande maioria dessas famílias seria pobre.

Admitimos que 23 *casais*, envolvendo 98 pessoas, terão saído de São Mateus para o Brasil entre 1747 e 1753, seis desses casais com residência comprovada no atual estado do Rio Grande do Sul, destino de uma família já antes deslocada. Seriam casais predominantemente jovens, com uma idade a tender para os 33 anos, com uma dimensão de família modesta, com pouco mais de quatro indivíduos por família. Uma parte importante desses casais pertencia aos estratos médios da sociedade.

Foram identificadas antes de 1747 duas famílias naturais da Ribeira Seca na paróquia da Madre de Deus de Porto Alegre. Entre 1747 e 1753 calculamos que terão saído da paróquia jorgense em direção ao Brasil 74 casais, envolvendo 372

⁹ MENESES, 2014: 129-141.

¹⁰ CORDEIRO, MADEIRA, 2003: 110.

indivíduos, sendo que 23 desses casais se dirigiram comprovadamente para o atual estado do Rio Grande do Sul. A idade média dos casais tenderia para os 34 anos, com cinco pessoas por família.

A abertura régia para apoiar a deslocação para o Brasil de casais ilhéus não teve na paróquia terceirense o mesmo impacto que teve nas paróquias das outras três ilhas. Supomos que 10 casais se terão ausentado, envolvendo, no máximo, 54 pessoas (recorde-se que, no período, não há registo sistemático em Agualva de mortalidade de menores de 7 anos). A idade média desses casais poderia ser superior a 40 anos e possivelmente seriam, na sua maioria, pobres.

2.3. APROFUNDAMENTO DO MOVIMENTO DE SAÍDAS — O CASO DE SÃO MATEUS DO PICO

Como vimos, o cruzamento da paróquia de São Mateus com as outras paróquias da ilha do Pico e com as três freguesias urbanas da Horta e grande parte das rurais da mesma ilha do Faial permite o acompanhamento tendencialmente sistemático dos percursos de curta e média distância, considerando como média distância a deslocação para o Faial, apontando nos outros casos para deslocações de maior distância.

Tínhamos calculado que 1528 indivíduos, dos 4331 nascidos em São Mateus entre 1733 e 1799, tinham falecido fora da sua terra de origem, representando 35% do total de nascidos, mas com diferenças entre sexos. Dos indivíduos do sexo masculino nascidos na comunidade, 39% afastaram-se definitivamente, sendo de 31% o valor correspondente para o sexo feminino.

Acompanhando os percursos na ilha do Pico e no Faial, podemos estimar o número dos que terão seguido outros destinos, tendencialmente destinos transatlânticos, sem excluir eventuais idas para outras ilhas e, caso menos frequente, para o continente português.

Começamos por observar as saídas definitivas para outras freguesias da ilha do Pico e as saídas para a vizinha ilha do Faial, as primeiras, decorrentes, na sua maioria, do mercado matrimonial e as segundas do mercado de trabalho. Considerando apenas esse conjunto, reparamos que as freguesias enquadrantes, Candelária e São João, atraíram definitivamente 36% e 33%, respetivamente dos homens e das mulheres de São Mateus dos quais conhecemos a data de óbito fora da sua terra de origem. No total, considerando as outras freguesias da ilha, 50% dos homens desse conjunto terão sido afetados pelo mercado matrimonial, sendo a percentagem correspondente para as mulheres de 51%.

Tal significa que cerca de metade dos indivíduos nascidos em São Mateus que se ausentaram para curta ou média distância foi falecer à ilha do Faial, particularmente à zona urbana da Horta, mas também a freguesias rurais, sobressaindo, de todas, a freguesia da Feteira, celeiro privilegiado das duas ilhas.

Tabela 3. Saídas definitivas para destinos próximos (gerações nascidas em São Mateus entre 1700 e 1799)

Destinos próximos	Sexo masculino		Sexo feminino		Sexos reunidos	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Candelária	23	16	24	20	47	18
São João	28	20	16	13	44	17
Outras/Pico	20	14	22	18	42	16
Horta/Faial	42	30	41	34	83	31
Outras/Faial	29	20	19	16	48	18
Total de saídas nas duas ilhas	142	100	122	101	264	100

Fonte: Elaboração própria

Aqueles que se afastaram de São Mateus e faleceram em alguma das outras freguesias das duas ilhas do Pico e Faial foram apenas 17% do total de ausentes definitivos. Dos restantes 83% que se ausentaram definitivamente para além do horizonte das duas ilhas, 85% eram do sexo masculino e 80% do sexo feminino.

Tabela 4. Saídas definitivas para outros destinos (gerações nascidas em São Mateus entre 1733 e 1799)

	Sexo masculino		Sexo feminino		Sexos reunidos	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Destinos próximos	142	15	122	20	264	17
Outros destinos	776	85	488	80	1264	83
Total	918	100	610	100	1528	100

Fonte: Elaboração própria

Admitimos que esses 1264 indivíduos, dos 4331 nascidos em São Mateus entre 1733 e 1799, que não identificamos no Pico ou no Faial terão perseguido, na sua maioria, destinos transatlânticos, o que os posiciona entre um quarto e um terço de todos os nascidos.

Prosseguir os cruzamentos interparoquiais será o caminho para determinar a importância de comunidades açorianas concretas na afirmação da cultura portuguesa nos novos mundos que então se povoavam. O cruzamento esporádico com apenas uma, embora importante paróquia do Brasil meridional, dá ânimo nesse sentido.

2.4. MOVIMENTOS DE ENTRADA

Podemos também estimar o peso das entradas de indivíduos não naturais que faleceram em cada uma das quatro comunidades de referência, a corresponder, em cada caso, ao mesmo grupo de gerações para as quais existe registo sistemático de mortalidade infantil. A idade indicada ao óbito permite, na maior parte dos casos, inserir esses *indivíduos de fora* no grupo de gerações em análise e, nos casos omissos, a data de casamento, nascimento de filhos ou óbito do cônjuge permitem uma aproximação válida.

Tabela 5. Entradas definitivas de indivíduos não naturais em Pedro Miguel (gerações correspondentes a nascidos na comunidade entre 1700 e 1783)

Naturalidade	Sexo masculino		Sexo feminino		Sexos reunidos	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Praia do Almojarife	16	15	20	18	36	16
Ribeirinha	15	14	10	9	25	11
Horta	5	5	7	6	12	5
Outras/Faial	24	23	29	26	53	23
Ilha do Pico	44	42	45	40	99	43
Ilha de São Jorge	1	1	1	1	2	1
Ilha das Flores			1	1	1	1
Total	105	100	113	101	228	100

Fonte: Elaboração própria

Como seria de esperar, a atração por Pedro Miguel foi maior por parte de indivíduos naturais das freguesias limítrofes, Praia do Almojarife e Ribeirinha, sendo relativamente escassa por parte dos naturais das três freguesias da Horta, assim como das restantes sete freguesias da ilha do Faial, sendo de supor, nestes casos, a ação dominante do mercado matrimonial. Mais importante do que das freguesias faialenses não limítrofes foi a entrada definitiva de indivíduos da carente vizinha ilha do Pico, mesmo no caso do sexo feminino, a apontar para a procura de uma situação mais confortável numa freguesia que dispunha de bons terrenos agrícolas.

Considerando depois que estimámos em 1309 o número de saídas definitivas para os indivíduos dessas gerações, encontramos um saldo migratório negativo de 1081 indivíduos, sendo 692 do sexo masculino e 399 do feminino.

Tabela 6. Entradas definitivas de indivíduos não naturais em São Mateus (gerações correspondentes a nascidos na comunidade entre 1733 e 1799)

Naturalidade	Sexo masculino		Sexo feminino		Sexos reunidos	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Candelária	24	43	21	32	45	37
São João	6	11	25	39	31	25
Outras/Pico	16	29	15	23	31	25
Horta/Faial	7	12	2	3	9	7
Outras/Faial	3	5	1	1	4	3
São Jorge			2	3	2	2
Total de entradas	56	100	66	101	122	99

Fonte: Elaboração própria

De forma diferenciada entre sexos, as maiores entradas definitivas em São Mateus foram das freguesias limítrofes de Candelária e São João e depois das outras freguesias da ilha, com contribuição escassa da ilha do Faial e residual de São Jorge.

Estimando-se a saída definitiva de 1528 indivíduos das gerações consideradas, o saldo migratório negativo seria de 1406, sendo 862 do sexo masculino e de 544 no feminino.

Tabela 7. Entradas definitivas de indivíduos não naturais na Ribeira Seca (gerações correspondentes a nascidos na comunidade entre 1734 e 1799)

Naturalidade	Sexo masculino		Sexo feminino		Sexos reunidos	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Calheta	35	23	37	22	72	23
Topo	45	30	68	41	113	36
Norte Pequeno	16	11	21	13	37	12
Outras/São Jorge	31	21	30	18	61	19
Ilha do Pico	16	11	11	6	27	9
Ilha do Faial	3	2			3	1
Ilha Graciosa	2	1			2	1
Ilha Terceira	1	1			1	0
Continente	1	1			1	0
Total	150	101	167	100	317	101

Fonte: Elaboração própria

Verificamos uma atração pela Ribeira Seca dominante por parte das freguesias limítrofes, particularmente do Topo, mas também das outras freguesias da mesma ilha, tendo ainda algum significado a entrada definitiva de gente do Pico. A representação de outras ilhas é residual e apenas no caso do sexo masculino.

Estimando-se na Ribeira Seca a saída de 1443 indivíduos das gerações nascidas entre 1734 e 1799, o saldo migratório negativo seria de 1126 indivíduos, sendo de 675 indivíduos do sexo masculino e 451 do feminino.

Tabela 8. Entradas definitivas de indivíduos não naturais na Agualva (gerações correspondentes a nascidos na comunidade entre 1700 e 1729 e entre 1767 e 1799)

Naturalidade	Sexo masculino		Sexo feminino		Sexos reunidos	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Vila Nova	31	26	49	34	80	30
Lajes	19	16	25	17	44	17
Quatro Ribeiras	10	8	9	6	19	7
Angra	10	8	6	4	16	6
Praia da Vitória	7	6	14	10	21	8
Outras/Terceira	30	25	35	24	65	24
Ilha de São Jorge	8	7	2	1	10	4
Ilha do Pico	2	2	2	1	4	2
Ilha Graciosa	1	1	2	1	3	1
Ilha do Faial	1	1	1	1	2	1
Ilha de São Miguel	1	1	1	1	2	1
Total	120	101	146	100	266	101

Fonte: Elaboração própria

Indivíduos de Vila Nova e Lajes são os mais atraídos para Agualva, mas há uma movimentação importante de gente das outras freguesias da Terceira. Embora possamos encontrar entradas de indivíduos de outras cinco ilhas dos Açores, só no caso de São Jorge adquirem algum significado.

Tendo-se estimado a saída definitiva de Agualva de 584 indivíduos, das gerações nascidas entre 1700 e 1729 e das gerações nascidas entre 1767 e 1799, os saldos migratórios negativos foram de 318 indivíduos, sendo 222 do sexo masculino e 96 do feminino.

Se considerarmos o número de indivíduos nascidos em cada uma das freguesias, para as gerações em causa, e o relacionarmos com os que entraram pertencentes a essas mesmas gerações, podemos comparar mais facilmente os movimentos compensatórios.

Tabela 9. Movimento de entradas e saídas (gerações nascidas entre 1700 e 1799)

Localidade	Sexo masculino				Sexo feminino				Sexos reunidos			
	Nasc.	% Saídas	% Entradas	Saldo	Nasc.	% Saídas	% Entradas	Saldo	Nasc.	% Saídas	% Entradas	Saldo
Pedro Miguel	1642	48	6	-42	1470	35	8	-27	3112	42	7	-35
São Mateus	2343	39	2	-37	1988	31	3	-28	4331	35	3	-32
Ribeira Seca	2255	37	7	-30	2110	29	8	-21	4365	33	7	-26
Aigualva	1100	31	11	-20	1063	23	14	-9	2163	27	12	-15

Fonte: Elaboração própria

Observamos que, depois de contar com as entradas de indivíduos de fora que se juntam aos nascidos na própria comunidade, os desequilíbrios mantêm-se, mas com alguma diferenciação, caso a caso. O saldo menos favorável encontra-se em Pedro Miguel, com 35 saídas definitivas para o exterior em 100 entradas por nascimento ou mobilidade, apesar de as entradas de indivíduos de fora corresponderem a sete por 100 nascidos, sendo de admitir a particular influência atrativa para os pedro-miguelenses da então vila da Horta. Segue-se logo São Mateus com 32 saídas definitivas para o exterior em 100 entradas, mas com as entradas de indivíduos de fora a corresponderem apenas a três indivíduos em cada 100 nascidos na freguesia. A atração pela Ribeira Seca é paralela à atração encontrada em Pedro Miguel, sete indivíduos a entrar definitivamente em cada 100 nascidos, com 26 saídas para o exterior em 100 entradas por nascimento ou mobilidade. Em Aigualva, encontramos 15 em 100, com 27 saídas definitivas para o exterior e 12 entradas para cada 100 naturais, com marcada diferença em relação à situação nas outras ilhas.

3. NUPCIALIDADE COMPARADA

Antes de finais do século XIX, antes de se começar a vincar o controlo da natalidade, apenas podemos esperar regularidade do fenómeno da *fecundidade dentro do casamento*. Os comportamentos de Nupcialidade, como volitivos e sujeitos a múltiplas influências de ordem económica e cultural, nem sempre evoluem na direção esperada.

Nesse sentido, a comparação dos comportamentos de Nupcialidade nas diferentes comunidades ou grupo de comunidades, através do acompanhamento das trajetórias de vida dos nascidos no século XVIII, pode fornecer-nos importantes motivos de reflexão, tanto mais que contamos com níveis bem diferenciados no que respeita à mortalidade de crise e, em certa medida, também com níveis diferenciados nas saídas para o Brasil em meados do século.

Para variáveis como a idade média ao primeiro casamento, podemos agregar a Pedro Miguel as freguesias contíguas de Praia do Almojarife e Ribeirinha, e agregar a Agualva Quatro Ribeiras e Vila Nova, encontrando para os nascidos no século XVIII um volume de observação confortável e mais próximo de São Mateus e Ribeira Seca. No entanto, para o estudo do celibato definitivo, só podemos abordar as quatro freguesias de referência, o que nos leva a distinguir apenas dois períodos de observação, sem que se possa descartar, principalmente nas paróquias mais pequenas, o efeito de pequenos números.

Na análise sobre comportamentos de Nupcialidade, começamos precisamente pelo acesso negado ao casamento, o celibato definitivo, considerando como definitivamente celibatários aqueles que faleceram com 50 ou mais anos sem terem chegado a casar.

3.1. CELIBATO DEFINITIVO COMPARADO

Para comparação entre as quatro comunidades de referência, apenas consideramos, por sexos, a percentagem de falecidos na comunidade de origem, na situação de solteiros, com idade de 50 ou mais anos, relativamente a todos os falecidos na mesma comunidade nesse grupo etário, embora em todos os casos, à exceção da Ribeira Seca, se possa ter conhecimento de óbitos fora.

Tabela 10. Celibato definitivo comparado (%) (gerações nascidas entre 1700 e 1799)

Localidade	Gerações de 1700-1749		Gerações de 1750-1799		Gerações de 1700-1799	
	Sexo masculino	Sexo feminino	Sexo masculino	Sexo feminino	Sexo masculino	Sexo feminino
Pedro Miguel	3,4	14,9	4,3	11,2	4	13,2
São Mateus	7,8	11	7,9	10	7,9	10,4
Ribeira Seca	10,3	10,2	17	23,9	14,5	18,4
Agualva	15,3	20,8	12,2	12,7	13,5	17,2

Fonte: Elaboração própria

Considere-se que as observações foram desenvolvidas, por paróquia, apenas para os períodos em que se beneficia na mesma de registo sistemático de mortalidade infantil.

Os resultados mostram diferenças salientes de comportamento entre as quatro comunidades, quer se considerem todos os nascidos no século XVIII, quer se considerem os nascidos em cada meio século.

Considerando o sexo masculino, na globalidade da observação, os nascidos em Pedro Miguel foram aqueles que terão tido um acesso mais facilitado

ao casamento, com apenas 4% de definitivamente celibatários. Ribeira Seca e Agualva aproximam comportamentos, com 14,5% e 13,5%, respetivamente. São Mateus aproxima-se mais de Pedro Miguel, embora ainda com 7,9% de solteiros definitivos.

Considerando o sexo feminino, as mulheres de São Mateus foram as que mais casaram, com 10,4% de definitivamente celibatárias, seguindo-se as de Pedro Miguel com 13,2%, Agualva com 17,2% e Ribeira Seca com 18,4%. A maior aproximação de comportamento entre os sexos deu-se precisamente em São Mateus, com uma diferença de apenas 2,5 pontos percentuais a afetar o sexo feminino. Em Pedro Miguel a diferença entre os sexos ultrapassa os 9%, em desfavor das mulheres.

Se distinguirmos dois períodos de observação, nascidos antes de 1750 e de 1750 em diante, notamos que apenas em São Mateus não se deram grandes alterações de comportamento. Na Ribeira Seca, nas gerações nascidas no primeiro período, encontravam-se níveis pouco superiores a 10% de definitivamente celibatários, num e noutra sexo. Contrariamente ao que seria de esperar, as gerações que resistiram na comunidade às saídas para o Brasil de meados do século e depois ao terramoto tiveram muito mais dificuldade em aceder ao casamento, subindo para 17% o peso dos homens definitivamente celibatários e para quase 24% o peso das mulheres. Na Agualva, em sentido inverso à Ribeira Seca, o segundo período parece ter sido mais favorável para as bodas, a baixar 8 pontos percentuais, no caso do sexo feminino, abaixamento também sentido, mas menos nítido, em Pedro Miguel, embora num e noutra caso, como se referiu, não se possa descartar o efeito de pequenos números.

3.2. IDADE MÉDIA COMPARADA AO PRIMEIRO CASAMENTO

A idade ao casar, particularmente no sexo feminino, assume uma enorme importância num quadro de fecundidade próxima da natural. Há quase meio século, Pierre Chaunu considerava a idade tardia ao casamento como a verdadeira arma contraceptiva das comunidades europeias do Antigo Regime¹¹. Mesmo ligeiras alterações podem significar uma subida ou descida com significado nos níveis de descendência.

Acompanhando as trajetórias de vida, para abordar os comportamentos de Nupcialidade, o indicador que primeiro usamos é a idade média ao primeiro casamento, considerando os valores confortáveis de observação em qualquer caso: as três paróquias do Faial, São Mateus, Ribeira Seca e as três paróquias terceirenses.

¹¹ CHAUNU, 1974: 314-ss.

Considerando globalmente as gerações nascidas entre 1700 e 1799, ressalta a aproximação de comportamentos nas freguesias observadas das quatro ilhas. À exceção de São Mateus, as diferenças nas idades médias ao primeiro casamento, num e noutra sexo, para toda a população, são de escassos meses, oscilando, no sexo masculino, entre 28,5 e 28,7 anos e no sexo feminino entre 25,9 e 26,1 anos. Em São Mateus os homens casaram mais tarde, aos 29 anos, e as mulheres mais cedo, aos 25,2.

Tabela 11. Idades médias comparadas ao primeiro casamento (gerações nascidas entre 1700 e 1799)

Localidade	Sexo Masculino		Sexo feminino	
	Observações	Idade média	Observações	Idade média
Paróquias/Faial	1353	28,5	1526	26,1
São Mateus	1033	29	1207	25,2
Ribeira Seca	703	28,5	901	25,9
Paróquias da Terceira	747	28,7	980	26

Fonte: Elaboração própria

Idades médias ao primeiro casamento elevadas enquadram-se no comportamento corrente da Europa Ocidental para o período, há muito detetado por Hajnal¹², tendo naturais reflexos na descendência.

3.3. IDADE MÉDIA COMPARADA AO PRIMEIRO CASAMENTO — COMPORTAMENTO DIFERENCIAL

O trabalho que desenvolvemos nestas comunidades de classificação socioeconómica das famílias, a partir de indicadores fornecidos pelos diferentes registos, particularmente pelos registos de óbitos, permite-nos uma aproximação aos comportamentos diferenciais.

Se considerarmos isoladamente os filhos de famílias pobres no que respeita à idade média ao primeiro casamento, relativamente ao comportamento geral, verificamos que os valores são diferentes num e noutra sexo. Enquanto no sexo masculino os mais pobres antecipavam as bodas, no sexo feminino adiavam-nas. No caso do sexo masculino, a maior saliência vai para as paróquias faialenses em que a diferença chega a um ano, seguindo-se São Mateus, com sete meses. No caso do sexo feminino, encontramos a mesma idade média nas paróquias terceirenses, mas em todos os outros casos o casamento das filhas de famílias pobres é mais tardio, particularmente no caso da Ribeira Seca em que essa diferença ultrapassa os oito meses.

¹² HAJNAL, 1965: 101-143.

Tabela 12. Idades médias comparadas ao primeiro casamento. Comportamento diferencial (gerações nascidas entre 1700 e 1799)

Localidade	Sexo masculino				Sexo feminino			
	População		Filhos de pobres		População		Filhos de pobres	
	Observações	Idade média	Observações	Idade média	Observações	Idade média	Observações	Idade média
Paróquias/Faial	1353	28,5	121	27,5	1526	26,1	170	26,4
São Mateus	1033	29	167	28,4	1207	25,2	197	25,3
Ribeira Seca	703	28,5	114	28,2	901	25,9	162	26,6
Paróquias da Terceira	747	28,7	306	28,5	980	26	397	26

Fonte: Elaboração própria

Somos tentadas a pensar que os homens nascidos no século XVIII, que pouco ou nada tinham a esperar de uma herança, mais cedo acederiam ao matrimónio, enquanto o mercado matrimonial para as filhas de famílias pobres, sem poderem dispor de um dote, se mostraria menos favorável.

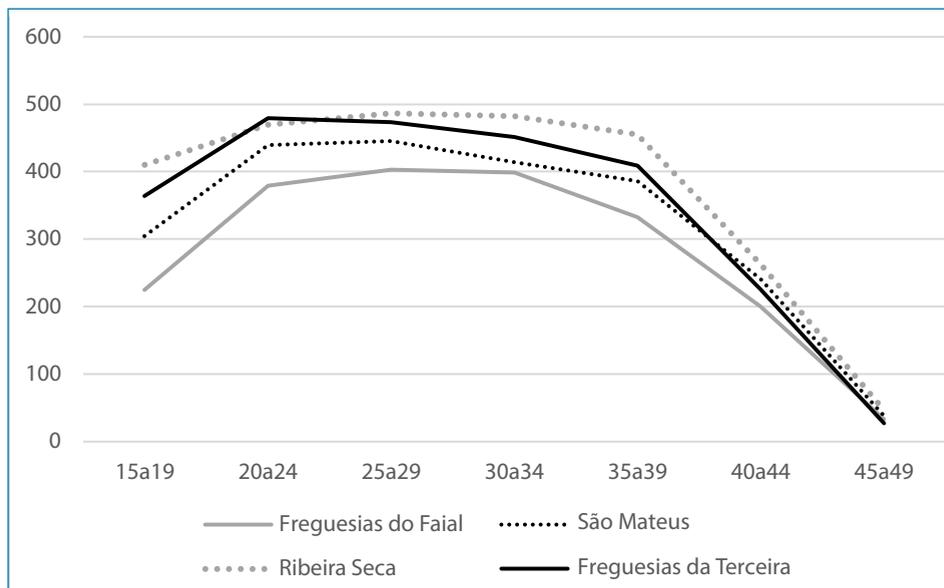
3.4. FECUNDIDADE COMPARADA DENTRO DO CASAMENTO

Com o cálculo das taxas de fecundidade legítima, pretende-se comparar capacidades reprodutivas, isolando os efeitos da idade ao casamento e da rutura dos laços conjugais por mortalidade precoce. Representam o número de filhos que mil mulheres teriam em cada grupo de idades nas condições de fecundidade encontradas.

Tabela 13. Taxas de Fecundidade Legítima por grupos de idade da mulher (1000 mulheres)

Localidade	Grupos de idades da mulher							DT 20-49	DE(1)	DE(2)	CC	IMcas Mulher	IMnasc. Ufilho
	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49						
Freguesias do Faial	225	380	403	398	332	200	33	8,7	4,5	5,3	37,3	27,5	38,6
São Mateus	305	440	445	414	386	241	38	9,8	5,1	5,6	40,2	26,2	39,4
Ribeira Seca	410	470	487	482	455	262	47	11,0	4,7	5,6	37,9	28,7	39,1
Freguesias da Terceira	364	479	473	452	409	226	27	10,3	5,1	5,7	38,0	27,5	38,8

Fonte: Elaboração própria; Legenda: DT — descendência teórica; DE (1) Famílias com ou sem filhos; DE (2) Família fecundas; CC — Anos de convivência conjugal; IMCasMulher — Idade média ao casamento da mulher; IMNasUfilho — Idade da mãe ao nascimento do último filho.

Gráfico 6. Taxas de Fecundidade Legítima por grupos de idade da mulher (1000 mulheres)

Fonte: Elaboração própria

Depreendemos que na Ribeira Seca haveria possibilidade de um maior número de nascimentos se a convivência conjugal se prolongasse por todo o período fecundo da mulher, seguindo-se as freguesias terceirenses. Com algum desfasamento encontramos São Mateus e só depois as freguesias do Faial.

A descendência teórica (DT) resultante, calculada apenas para os grupos de idades dos 20 aos 49 anos, dada a existência de informação escassa para as mulheres casadas antes dos 20 anos, expressa bem essas diferenças. Se um casal permanesse em convivência conjugal dos 20 aos 49 anos, teria, em média, na Ribeira Seca 11 filhos, nas freguesias da Terceira 10,3, em São Mateus 9,8 e nas freguesias do Faial 8,7.

Os filhos que efetivamente tiveram, considerando famílias com ou sem filhos (DE1), foram em São Mateus e nas paróquias terceirenses 5,1, na Ribeira Seca 4,7 e nas paróquias faialenses 4,5.

Tais resultados relacionam-se de forma clara com a idade média ao casamento em cada conjunto de paróquias observadas e com o prolongamento da menopausa. Embora as mulheres da Ribeira Seca e das paróquias terceirenses fossem mais procriativas antes dos 40 anos, a idade mais precoce ao casamento e um relativo maior alargamento do período fecundo permitiam que as famílias de São Mateus contassem o mesmo número de filhos das paróquias da Terceira e um número mais elevado do que o encontrado na paróquia jorgense.

3.5. FECUNDIDADE COMPARADA FORA DO CASAMENTO

No que respeita à fecundidade fora do casamento, se excetuarmos o caso da Ribeira Seca, cujo comportamento neste campo já foi objeto de uma monografia a cobrir o século XIX¹³, a contenção parece ter sido a regra, particularmente em Agualva, embora não se possa descartar a possibilidade de abandono de filhos por parte de mulheres solteiras. No entanto, no nosso estudo, para os séculos XVII e XVIII, sobre o abandono de crianças na ilha do Faial, verificámos que na primeira metade do XVIII, nas 13 freguesias da ilha, sendo três delas urbanas e portuárias, o número de crianças abandonadas não atingiu a dezena. A subida só se deu a partir da década de 60 do século XVIII, colocando-se no final do século nas oito dezenas¹⁴.

Tabela 14. Fecundidade comparada fora do casamento

Paróquia	Total de nascimentos	Nascimentos fora do casamento	% de nascimentos fora do casamento
Pedro Miguel	4042	142	3,5
São Mateus	6788	217	3,2
Ribeira Seca	6741	439	6,5
Agualva	3462	47	1,4

Fonte: Elaboração própria

3.6. ESPERANÇA DE VIDA COMPARADA

No caso da Mortalidade, limitamo-nos a comparar a esperança de vida à nascença para as gerações cobertas pelo registo sistemático de mortalidade infantil, marcando, caso a caso, um fim de observação para os indivíduos dos quais não conhecemos o registo de óbito.

Tabela 15. Esperança de vida à nascença (gerações nascidas no século XVIII)

	Pedro Miguel (Faial)			São Mateus (Pico)			Ribeira Seca (São Jorge)			Agualva (Terceira)		
	M	F	MF	M	F	MF	M	F	MF	M	F	MF
0	44,2	44,3	44,2	50,7	50,9	50,8	42,2	44,2	43,1	32,5	28,9	30,5
1	50,3	48,3	49,3	56,8	55,1	56,0	51,3	51,5	51,5	36,4	31,9	34,0
5	54,1	52,4	53,2	58,3	57,7	58,0	55,1	55,6	55,4	47,3	42,7	44,7
10	50,9	49,6	50,2	54,9	54,9	54,9	53,0	53,3	53,2	48,4	42,2	44,9
15	46,7	45,2	45,9	50,7	50,7	50,7	49,3	5,0	49,6	44,8	40,0	42,0

(continua na página seguinte)

¹³ MATOS, 2007.

¹⁴ ROCHA, AMORIM, 2019.

	Pedro Miguel (Faial)			São Mateus (Pico)			Ribeira Seca (São Jorge)			Aigualva (Terceira)		
	M	F	MF	M	F	MF	M	F	MF	M	F	MF
20	42,3	41,0	41,7	46,1	46,5	46,3	46,1	46,4	46,3	40,9	35,8	38,0
25	38,3	37,4	37,8	42,3	42,7	42,5	42,7	42,9	42,8	38,1	33,1	35,2
30	34,8	34,1	34,4	38,2	38,7	38,5	38,9	39,1	39,0	36,2	31,2	33,3
35	30,3	30,9	30,6	34,2	34,7	34,5	34,5	35,3	34,9	32,3	28,1	3,0
40	26,3	27,6	27,0	30,4	31,0	30,7	30,2	31,2	30,7	28,1	24,9	26,3
45	22,9	24,3	23,7	26,4	27,3	26,8	26,5	28,0	27,3	24,2	22,4	23,2
50	19,1	20,5	19,9	22,6	23,6	23,1	22,8	24,2	23,5	19,5	19,7	19,6
55	15,8	17,2	16,6	19,1	19,9	19,5	19,1	20,9	20,0	16,7	16,0	16,3
60	12,5	14,2	13,5	15,7	16,5	16,1	15,5	17,5	16,6	13,4	12,9	13,1
65	10,2	11,2	10,8	12,6	13,2	12,9	12,3	14,2	13,3	9,9	9,7	9,8
70	8,1	8,9	8,6	9,9	10,5	10,2	10,0	11,2	10,7	7,6	7,2	7,4
75	5,9	6,8	6,5	7,5	7,8	7,7	7,3	8,2	7,9	5,3	4,8	5,0
80	4,5	5,1	4,9	5,5	6,0	5,8	5,7	5,9	5,8	4,9	3,3	4,0
85	3,5	5,6	4,8	4,1	4,2	4,2	4,5	4,3	4,4	5,0	1,2	2,7

Fonte: Elaboração própria

Uma esperança de vida à nascença a abeirar os 51 anos para nascidos no século XVIII é uma situação muito particular da ilha do Pico, que nenhuma literatura documenta. Temos vindo a chamar a atenção para especiais condições de sobrevivência de crianças e velhos, pelo clima ameno, menos húmido que nas restantes ilhas, pela alimentação frugal, à base de bolo de milho, algum peixe, muito pouca carne e abundância de frutos, pela pureza das águas, águas das chuvas ou de poços de maré, pela necessidade de homens e mulheres percorrerem diariamente a pé grandes distâncias, subindo às pastagens e às *terras do alto*, ou descendo aos poços de maré, pela proteção dada à infância pelas mães domésticas, pela cultura de respeito pelos mais velhos¹⁵.

Ainda muito favorável é a situação de Pedro Miguel e da Ribeira Seca, com 44 e 43 anos, respetivamente. O caso de Aigualva, com uma esperança de vida de 30 anos e meio, menos 20 anos do que em São Mateus, oferece algumas reservas, dada a escassez de efetivos analisados.

Fica no ar a exigência de uma análise comparativa, em pormenor, deste fenómeno decisivo, o da Mortalidade, em tempo de Fecundidade próxima da natural.

¹⁵ AMORIM, 2004.

NOTAS FINAIS

As duas principais metodologias propostas, o *acompanhamento de trajetórias de vida para todos os nascidos num determinado espaço e num determinado tempo* e o *desenvolvimento de análises comparativas nas mesmas condições de observação*, afiguram-se-nos como as vias a seguir para uma melhor compreensão da dinâmica das populações objeto de registo paroquial ou civil.

No caso vertente, o acompanhamento comparado de trajetórias de vida de nascidos no século XVIII em comunidades de quatro ilhas do mesmo Grupo Central dos Açores revela diferenças marcantes de comportamento que se refletem primeiro nos contrastes de crescimento entre São Mateus do Pico e Ribeira Seca, por um lado, e Pedro Miguel e Agualva, por outro. Repare-se que no final do século, na Ribeira Seca, já se havia reposto o nível de nascimentos anterior à terrível catástrofe de 1757.

O comportamento mais geral foi a idade média elevada ao primeiro casamento em ambos os sexos, com vantagem em São Mateus, com uma idade média ao primeiro casamento feminino de 25,2 anos, para valores nas outras três comunidades entre 25,9 e 26,1. O celibato definitivo mais frequente na Ribeira Seca foi em parte compensado por um volume maior de nascimentos fora do casamento e uma descendência teórica mais favorável, sendo este último comportamento também encontrado em Agualva. As duas variáveis mais influentes nos contrastes de crescimento terão sido, no entanto, a Mortalidade e a Mobilidade. Esperanças de vida elevadas para a época encontravam na Mobilidade importantes válvulas de escape. Se excetuarmos Agualva, a esperança de vida encontrada superiorizava-se aos 43 anos, com São Mateus a aproximar-se dos 51 anos. Em Agualva, a esperança de vida das gerações analisadas não atingiria os 31 anos, o que terá comprometido decisivamente o crescimento. A estabilidade do nível de nascimentos em Pedro Miguel, a par da elevada idade média ao primeiro casamento feminino e de uma menos favorável descendência, deve procurar-se na maior incidência do fenómeno da Mobilidade.

BIBLIOGRAFIA

- AMORIM, Maria Norberta (1991a). *Emigração — uma variável demográfica influente. O comportamento de gerações nascidas no Sul do Pico entre 1740 e 1890*. In EIRAS ROEL, Antonio, coord. *Emigracion española y portuguesa a America*. Alicante: Instituto de Cultura Juan Gil-Albert, Diputación de Alicante, pp. 147-160. Atas do II Congresso da ADEH.
- AMORIM, Maria Norberta (1991b). *Uma Metodologia de Reconstituição de Paróquias*. Braga: Universidade do Minho.
- AMORIM, Maria Norberta (1992). *Evolução Demográfica de Três Paróquias do Sul do Pico: 1680-1980*. Braga: Instituto de Ciências Sociais, UMinho.

- AMORIM, Maria Norberta (2004). *O Pico (séculos XVIII a XX). A ilha açoriana mais poupada pela morte*. «Revista de Demografia Histórica». 22:2, 53-84.
- AMORIM, Maria Norberta (2016). *O Pico. A abordagem de uma ilha*. Madalena: Câmara Municipal da Madalena; Porto: CITCEM. Vol. I: *As Famílias*; Tomo IX: *As Famílias de Santa Luzia nos finais do século XIX*.
- AMORIM, Maria Norberta; MARCO-GRACIA, Francisco J.; SALGADO, Filipe (2021). *Microanálisis comparado de la transición demográfica en tres islas de las Azores, siglos XVIII-XX: Diferencias en el pasado, semejanzas en el presente*. «Historia Agraria: Revista de agricultura e historia rural». 84, 73-106.
- CHAUNU, Pierre (1974). *Histoire, science sociale: la durée, l'espace et l'homme à l'époque moderne*. Paris: SEDES.
- CORDEIRO, Carlos Alberto da Costa; MADEIRA, Artur Boavida (2003). *A emigração açoriana para o Brasil (1541-1820): uma leitura em torno de interesses e vontades*. «Arquipélago». 2.^a Série. 7, 99-122.
- DEL PANTA, Lorenzo; LIVI-BACCI, Massimo (1977). *Chronologie, Intensité et Diffusion des Crises de Mortalité en Italie: 1600-1850*. «Population». 32e année. 1, 401-446.
- HAJNAL, John (1965). *European Marriage Patterns in Perspective*. In GLASS, David Victor; EVERSLEY, David Edward Charles, ed. *Population in History: Essays in Historical Demography*. Chicago: Aldine Publishing Company, pp. 101-143.
- HENRY, Louis (1967). *Manuel de Démographie Historique*. Paris: Genève.
- MACEDO, António Lourenço da Silveira (1981). *História das Quatro Ilhas que Formam o Distrito da Horta*. Angra do Heroísmo: Direcção Regional dos Assuntos Culturais, vol. I.
- MADEIRA, Artur Boavida (1999). *População e Emigração nos Açores (1766-1820)*. Cascais: Patrimónia.
- MATOS, Paulo Lopes (2007). *O Nascimento fora do Matrimónio na Freguesia da Ribeira Seca da Ilha de São Jorge (Açores): 1800-1910*. Guimarães: NEPS.
- MENESES, Avelino de Freitas (1995). *Os Açores nas Encruzilhadas de Setecentos (1740-1770)*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores. Vol. II: *Economia*.
- MENESES, Avelino de Freitas (1997). *Gentes dos Açores. O Número e a Mobilidade em Meados do Século XVIII*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- MENESES, Avelino de Freitas (1998). *S. Jorge, 9 de Julho de 1757: a memória de um terramoto devastador*. In *O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX (II Colóquio)*. Horta: Núcleo Cultural da Horta, pp. 597-602.
- MENESES, Avelino de Freitas (2014). *Os açorianos na estruturação do Brasil do Sul: as levas de meados do século XVIII*. In SOUSA, Fernando et al., coord. *Portugal e as Migrações da Europa do Sul para a América do Sul*. Porto: CEPES, pp. 123-144.
- ROCHA, José Elmiro; AMORIM, Maria Norberta (2019). *Um fenómeno perturbador: os abandonados nas Rodas de Horta e Angra nos séculos XVIII e XIX*. In *O Faial e a periferia açoriana nos séculos XV a XX (atas do VII Colóquio)*. Horta: Núcleo Cultural da Horta, pp. 447-461.
- RODRIGUES, José Damião; MADEIRA, Artur Boavida (2001). *A emigração para o Brasil: as levas de soldados no século XVIII*. In *Portos, escalas e ilhéus no relacionamento entre o Ocidente e o Oriente. Actas do Congresso Internacional Comemorativo do Regresso de Vasco da Gama a Portugal*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses; Ponta Delgada: Universidade dos Açores, vol. II, pp. 109-130.